

Infância e formação do ser social na contradição capital e trabalho: experiência no território quilombola Torrão-Mupi, Cametá-Pará

Maria Isabel Batista Rodrigues
Universidade Federal do Pará, Pará, Brasil
Endereço eletrônico: r.mariaisabelbatistarodrigues@yahoo.com.br

Gilmar Pereira da Silva
Universidade Federal do Pará, Pará, Brasil
Endereço eletrônico: gpsilva@ufpa.br

1842

Palavras-chave: Subjetividade. Ser social criança. Trabalho coletivo. Trabalho como princípio educativo

INTRODUÇÃO

A partir da unidade trabalho-educação, entendemos que a formação deve possibilitar aos trabalhadores tantos os conhecimentos do *societas rerum* como os do *societas hominum*, defendidos por Gramsci (2006), de modo que possam mediar relações de classe, no interior das mediações da produção da vida material, com a finalidade de garantir o seu bem-estar e o bem-estar do outro, permitindo-lhes, conforme Dardot e Laval (2017), a hegemonia de interesses sociais coletivizantes e de bem-viver o comum. Partindo deste pressuposto, a pesquisa em andamento investiga a constituição da infância no interior dos processos do trabalho coletivo na comunidade de Mupi-Torrão, no município de Cametá, estado do Pará, a partir das contradições capital e trabalho.

A pesquisa objetiva, de modo geral, analisar a formação do ser social criança no interior dos processos de trabalho de uma comunidade quilombola amazônica, a de Mupi-Torrão, localizada no município de Cametá, considerando que lá também esteja presente a disputa entre o capital e o trabalho em torno da constituição da subjetividade humana.

Teoricamente, compreendemos o trabalho no seu sentido ontológico, concebido como “força criadora” (Makarenko, 1981) capaz de produzir conhecimentos e subjetividades que viabilizam ações práticas e necessárias para a concretização de uma

Realização:



Apoio:



tarefa e sociabilidade, promovendo a humanização dos sujeitos, diferentemente do “trabalho opressivo” (Makarenko, 1981), que fomenta a produção excessiva de bens materiais, intensificando o processo de exploração humana e acentuando cada vez mais a dimensão classista de uma sociedade, embora também possa se constituir força de formação, no sentido desumanizante, alienador.

Nessa perspectiva, o trabalho, força criadora, insere-se como um dos elementos básicos da educação, permitindo a produção cultural que constitui *modos de vida* de cada ser, com seus valores, subjetividades, perspectivas de sociedade, concepções de mundo e posição diante dele, em um processo educativo capaz de formar a infância: “[...] o trabalho sempre foi fundamental para o homem a fim de assegurar seu bem-estar e sua cultura [...]” (Makarenko, 1981, p. 57), sendo importante também como fator de construção da identidade humana.

A partir de tais considerações, problematizamos: que mediações formativas são experienciadas por crianças quilombolas, a partir da comunidade de Mupi-Torrão, localizada no município de Cametá, por meio do trabalho, que lhes potencializem identidades de modo de vida coletivo, emancipador e de autonomia em oposição às subjetividades do modo de produção capitalista, pautadas na racionalidade de mercado?

METODOLOGIA

Com base no materialismo histórico-dialético (Gomide, 2017; Frigotto, 2010), buscamos apreender os modos de existência social produzida, a partir do trabalho, no que diz respeito a conhecimentos de homens e mulheres, adultos e crianças, que historicamente constituem essa sociedade, como as comunidades quilombolas.

Buscamos “apreender a história, a cultura, as resistências, as contradições e o modo singular de produzir a existência” (Souza, 2020, p. 41) da comunidade quilombola de Mupi-Torrão, a fim de analisar como se realiza a formação humana nesse território, se voltada para uma sociabilidade para além do capital ou com ele estabelecendo mediações ou em oposição.

No intuito de adentrarmos no universo da constituição da formação da infância numa fração da classe de trabalhadores(as), agricultores(as) quilombolas do Mupi, assumimos a perspectiva qualitativa, nesta pesquisa, que se caracteriza pela busca, como princípio do conhecimento, de uma compreensão das complexas relações constituintes da realidade social, conforme Araujo (2016).

Realização:



Apoio:



Como procedimentos para a coleta de dados, realizamos: observação participante e entrevista semiestruturada, de modo a obtermos informações sobre a dinâmica de organização diária dos trabalhadores e das trabalhadoras, bem como apreendermos a intencionalidade do processo formativo da infância; adotamos também conversas informais, como aproximação para a realização das entrevistas.

Os dados serão tratados a partir da análise de conteúdo (Franco, 2007), permitindo analisar questões de subjetividades com profundidade, com “[...] uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados” (Moraes, 1999, p. 3), de modo a entender as subjetividades formativas presentes na formação das crianças.

1844

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa se encontra na fase de coleta de dados e de aprofundamento de questões teóricas, como a categoria *trabalho*, considerando, de acordo com Saviani (1986), que o trabalho é que nos permite a produção da existência e, com ela, diferentes dimensões de humanização, em sua perspectiva ontológica.

A partir dessa categoria, analisamos como crianças de uma comunidade de trabalhadores agricultores da Amazônia pelo trabalho são formadas, enquanto sujeitos de um pensar-fazer que, em termos hipotéticos, pode manifestar *modos de vida* opostos às sociabilidades do capital, embora as mediações de segunda ordem do capital (Mészáros, 2022).

Sobre a categoria infância, partimos de um entendimento que se articula com os movimentos da vida em sociedade: um ser social que expressa suas individualidades e suas histórias: “[...] uma criança concreta que ocupa um lugar na história através de relações sociais que se estruturam a cada dia” (Bezerra; et. al, 2014, p. 131), produzindo saberes, conhecimentos.

Essa produção de vida, de mundo, do ser social criança resulta do seu processo de interação com o outro e com meio em que vive, no trabalho, caso aqui em específico, o *trabalho familiar*, vivenciado por trabalhadores e trabalhadoras, desempenhando funções de acordo suas capacidades e necessidades, sejam elas físicas e/ou experienciais, dando sentido à participação social de cada membro no processo de produção da vida, constituindo-se como um trabalho coletivo.

Realização:



Apoio:



Na comunidade de Mupi-Torrão, o trabalho familiar é expressivo para a constituição da existência. Portanto, tem uma base comunitária que nos remete a princípios de humanização que podem estar formando a infância para uma outra forma de sentir e pensar a vida e o mundo, no interior de contradições de classe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratamos a infância a partir de uma perspectiva histórico-cultural” (Hernandez-Piloto, 2014); um sujeito de história e produtor de cultura, um ser autônomo que contraria a natureza de um ser abstrato; um ser resultante de relações sociais, de relações do trabalho humano, de relações de classe, que produz subjetividades a partir de sua ação no mundo e também no cotidiano do trabalho enquanto princípio educativo.

Assumimos o trabalho como constituinte da subjetividade dos sujeitos, aprimorando seu processo de formação enquanto trabalhadores e trabalhadoras, diante de uma relação de trabalho que possibilita o reconhecimento como pertencente ao meio onde realiza suas atividades laborais que lhes servem para a produção da existência, com valores voltados para o bem comum, embora haja mediações de segunda ordem do capital.

As incursões iniciais pela comunidade vão nos permitindo as primeiras inferências, como as que potencializam uma formação em prol do bem comum, embora as disputas pelas subjetividades nas contradições capital e trabalho.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Cláudio Marcio de. **O Sujeito na Pesquisa Qualitativa**. Brasília, Vol. 33, pp. 1-7, 2016.

BEZERRA, SL., COUTINHO da Silva M., BEZERRA Z, ZM. & FÉRES C., T. (2014). **A compreensão da infância como construção sócio-histórica**. Revista CES Psicologia, 7(2), 126-137.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2017.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2007.

Realização:



Apoio:



FRIGOTTO, Gaudêncio. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional.** In FAZENDA, Ivani (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GOMIDE, Denise Camargo. **O materialismo histórico-dialético como enfoque metodológico para a pesquisa sobre políticas educacionais.** São Paulo, 2017.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 8ª edição. Rio de Janeiro-RJ: Civilização Brasileira, 2006.

HERNANDEZ-PILOTO, Sumika Soares de Freitas. **Infância e (des) naturalização da criança no cotidiano da Educação Infantil.** In: Pró-Discente: Caderno de Prod. Acad.-Cient. Prog. Pós-Grad. Educ., Vitória-ES, v. 20, n. 1, jan./jun. 2014. Acesso em 13 de agosto de 2019.

MAKARENKO, Anton Simionovich. **Conferências sobre educação infantil/A.Sr Rssi;** Tradução Maria Aparecida Abelaira Vizotto. São Paulo: Moraes, 1981.

MORAES, R. **Análise de conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7- 32, 1999.

MESZAROS, István. **Para além do capital.** São Paulo: Boitempo Editorial; Editora da UNICAMP, 2002.

SAVIANI, D. **O nó do ensino de 2º grau.** Bimestre, São Paulo: MEC/INEP – CENAFOR, n. 1, out. 1986.

Realização:



Apoio:

